Hemidactylus turcicus (Linnaeus, 1758)

Osga-turca

Salamanquesa rosada, Turkish Gecko

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O género *Hemidactylus* Oken, 1817, é aquele que apresenta maior diversidade no seio da família Gekkonidae, com cerca de 75 espécies reconhecidas em 1991 (Kluge, 1991). Em Portugal, *Hemidactylus turcicus* é representada pela subespécie *H. t. turcicus* (Linnaeus, 1758) (Caetano *et al.*, 1976). Um estudo recente baseado na análise da variação da molécula de DNA mitocondrial descreve as populações que ocorrem em toda a Bacia Mediterrânica Ocidental como muito homogéneas, indicando a sua possível introdução mediada pelo homem a partir de populações de origem Levantina (Carranza & Arnold, 2006).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Hemidactylus turcicus pode encontrar-se em toda a região costeira do mar Mediterrânico (incluindo a Península Ibérica) e do mar Vermelho, estendendo-se para leste, até ao Paquistão e Índia, e para sul, até ao Quénia. Foi introduzida em vários países do continente americano, nomeadamente na América do Norte (Estados Unidos da América e México), América Central, Antilhas e Caraíbas, incluindo Cuba, e na América do Sul (Etheridge, 1952; Bruno *et al.*, 1973; Engelmann *et al.*, 1986; Fretey, 1987; Selcer, 1986; Duellman & Pianka, 1990; Barbadillo *et al.*, 1999). Ocorre, sobretudo, em áreas costeiras quentes e em regiões secas do interior (Barbadillo, 1987; Fretey, 1987; Delauguerre & Cheylan, 1992; Barbadillo *et al.*, 1999). De acordo com vários autores, *H. turcicus* está muito associada a áreas urbanas e rurais (*e.g.* Crespo & Oliveira, 1989; Geniez, 1989a; Barbadillo *et al.*, 1999; Luiselli & Capizzi, 1999; Ferrand de Almeida *et al.*, 2001). No entanto, nem sempre esta situação é a dominante (ver Garcia & Garcia, 1992 e Delauguerre & Cheylan, 1992). Na verdade, a maior parte dos estudos realizados sobre esta espécie foi efectuada em habitats urbanos e/ou rurais, o que poderá ter contribuído para acentuar, inadequadamente, a sua preferência por habitats humanizados. Ocorre em locais pedregosos como rochedos, paredes, muros de pedra, ruínas e casas habitadas, mas também em troncos e outros abrigos. Barbadillo *et al.* (1999) referem que a altitude máxima a que *H. turcicus* pode ser encontrada é 300 m. No entanto, Geniez (1989) menciona vários autores que registaram a sua presença a 700 m (Serra Nevada, Espanha), a 800 m (Sicília, Itália) e a 1100 m (Abruzos, Itália), enquanto Trujillo *et al.* (1995) a observaram a 1049 m de altitude, nas Ilhas Canárias, e Garcia & Garcia (1992) registaram *H. t. turcicus* a 870 m – altitude máxima a que esta espécie foi encontrada na Península Ibérica. Delauguerre & Cheylan (1992) referem que 92% das observações desta espécie se localizaram a altitudes inferiores a 100 m, num estudo efectuado na Córsega (França). É uma espécie com actividade quase estritamente crepuscular ou nocturna. Excepcionalmente, pode exibir actividade diurna, mas apenas nas estações mais temperadas ou frias (Barbadillo, 1987; Fretey, 1987; Branch, 1996; Barbadillo *et al.*, 1999; Ferrand de Almeida *et al.*, 2001; Jacinto, 2002a; Mateus & Jacinto, 2002).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

A distribuição conhecida desta espécie em Portugal está restrita ao sul: Algarve (nomeadamente na região litoral e vale do rio Guadiana) e Alentejo (algumas regiões do interior alentejano). A ocorrência mais setentrional foi registada no concelho de Elvas (Godinho *et al.*, 1999; Jacinto & Mateus, 2002). Distribui-se desde o nível do mar até aos 400 m de altitude, na Serra de Monchique, embora seja mais frequente entre os 100 e 200 m (Malkmus, 1995a). No nosso país, a população de osgas-turcas mais bem estudada corresponde à existente na cidade de Évora (Mateus, 1996; Jacinto, 2002a, b, c; Jacinto & Crespo, 2002; Mateus & Jacinto, 2002). Esta cidade possui a particularidade de apresentar a ocorrência das duas espécies de osgas existentes em Portugal Continental, *H. turcicus* e *T. mauritanica*, não podendo deixar de se salientar a grande frequência da primeira (Jacinto & Crespo, 2002; Jacinto, 2002b). Em Évora, *H. turcicus* possui uma actividade essencialmente crepuscular e nocturna, com um pico de actividade cerca das 02h00 UTC, sendo mais activa no Verão, especialmente no mês de Setembro (Jacinto, 2002a; Mateus & Jacinto, 2002).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

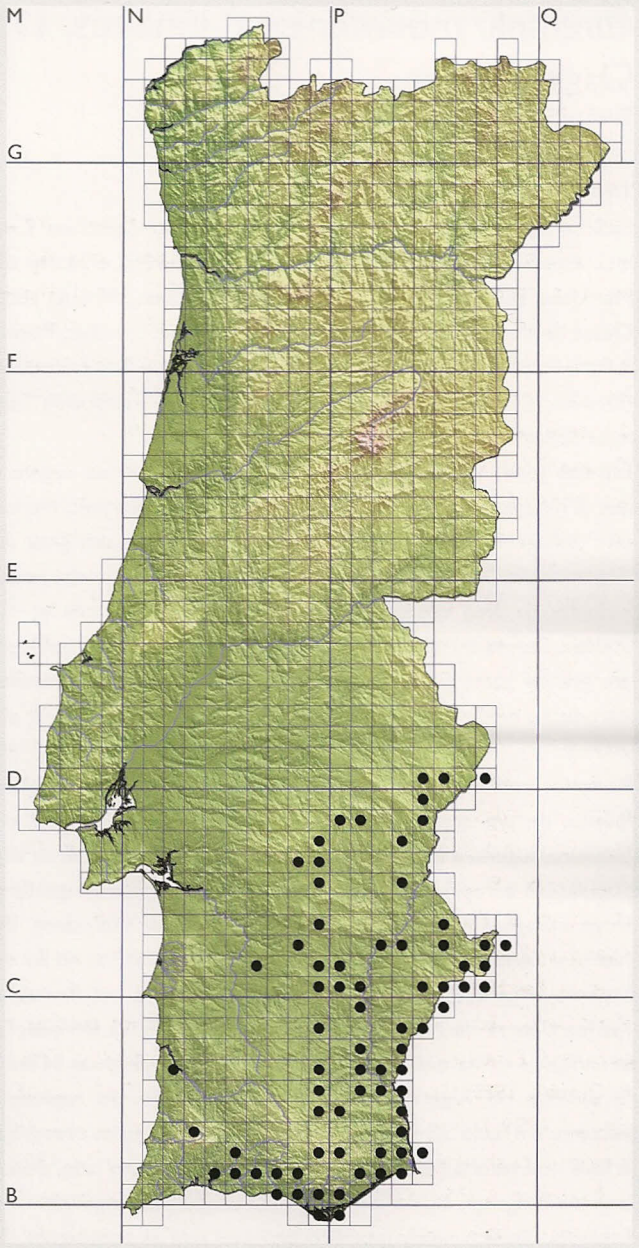
Há uma significativa escassez de informação biológica sobre *H. turcicus* devido, em parte, às suas características ecológicas e comportamentais (actividade quase estritamente crepuscular ou

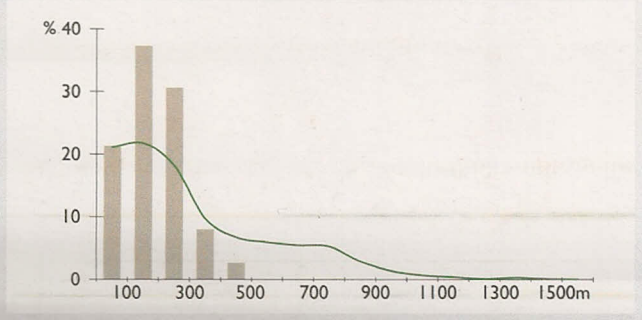
PhE

PhG

nocturna, e comportamento discreto). Como tal, torna-se prioritário o desenvolvimento de um maior número de estudos, especialmente de distribuição, abundância, estrutura populacional e identificação de ameaças, de modo a colmatar as actuais lacunas de conhecimento. Em termos gerais, as osgas estão associadas a muitas superstições e crenças, como poderem ser venenosas ou capazes de uma mordedura fatal. Embora tais crenças sejam absolutamente infundadas, em algumas regiões são temidas e perseguidas por essas razões (Barbadillo, 1987; Pough *et al.*, 1998), nomeadamente em Portugal (Pargana *et al.*, 1996; Ferrand de Almeida *et al.*, 2001). Campanhas de sensibilização e de educação ambiental, especialmente dirigidas às populações das áreas urbanas e rurais onde se tem conhecimento da sua existência, são importantes uma vez que *H. turcicus* ocorre, normalmente, em associação com ambientes antrópicos.

Octávio Mateus e José J. Jacinto





Nº quadrículas	% Portugal	% Global	LVVP
74	7,3%	1,6%	VU